

FACULDADE DE ILHÉUS

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE ILHÉUS (CESUPI)

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ARTHUR LUIZ CARVALHO MONTARGIL

**A PINTURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INTEGRAÇÃO DO SELF NA
TRANSGENERIDADE ADOLESCENTE**

ILHÉUS-BAHIA

2026

ARTHUR LUIZ CARVALHO MONTARGIL

A PINTURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INTEGRAÇÃO DO SELF NA TRANSGENERIDADE ADOLESCENTE

Artigo apresentado como requisito para a avaliação no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, no curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Ilhéus (CESUPI).

Orientadora: Prof. Grazielle Sousa Santos

ILHÉUS-BAHIA

2026

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: O IMAGETISMO GUIADO E A EXPRESSÃO PICTÓRICA
NA INTEGRAÇÃO DO SELF TRANSGÊNERO NA ADOLESCÊNCIA

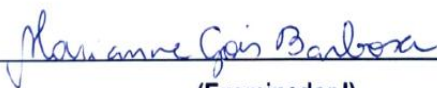
Discente: ARTHUR LUIZ CARVALHO MONTARGIL

Data da aprovação: 08 / 06 / 26

BANCA EXAMINADORA



(Orientador)



(Examinador I)



(Examinador II)

A PINTURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INTEGRAÇÃO DO SELF NA TRANSGENERIDADE ADOLESCENTE

Arthur Luiz Carvalho Montargil¹

Grazielle Sousa Santos²

RESUMO

A presente pesquisa investiga a utilização da pintura como recurso terapêutico na Gestalt-terapia, voltada para a integração do *self* de adolescentes transgêneros. O estudo parte da problemática sobre como a expressão artística pode auxiliar na manutenção da congruência identitária diante de um cenário de vulnerabilidade social e normatividade de gênero. O objetivo geral consiste em analisar de que modo a pintura, articulada ao Experimento de Fantasia Semi-Dirigido, favorece o *awareness* e a expressão autêntica da experiência de si. Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória, baseada em revisão bibliográfica narrativa. A fundamentação teórica ancora-se nos conceitos de *self* e contato da Gestalt-terapia (Perls; Zinker) e na Psicologia da Arte (Vygotsky; Arnheim), relacionando-os às discussões contemporâneas de gênero (Bento; Butler). Os resultados indicam que a pintura pode atuar como um experimento fenomênico que possibilita a externalização de conteúdos subjetivos não verbalizáveis, promovendo o ajuste criativo e o fortalecimento da autonomia. Conclui-se que a integração de recursos expressivos na clínica gestáltica amplia as possibilidades de acolhimento ético e inclusivo à população transgênera.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Pintura; Identidade de Gênero; Adolescência; Integração do Self;

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, parte da Psicologia contribuiu para a patologização das identidades trans ao interpretá-las a partir de referenciais normativos de gênero. Embora importantes avanços tenham ocorrido, especialmente após a despatologização da transgeneridade e a publicação da Resolução CFP nº 01/2018, da Nota Técnica nº 02/2023 e os princípios fundamentais do Código de Ética Profissional do Psicólogo, ainda persistem silenciamentos institucionais e dificuldades no acesso a práticas de cuidado que reconheçam a legitimidade dessas experiências. Nesse cenário, a Gestalt-terapia apresenta contribuições relevantes

¹ Graduando em Psicologia pela Faculdade de Ilhéus (CESUPI). E-mail: 0610601202123@faculdadedeilheus.com.br

² Grazielle Sousa Santos, docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus, E-mail: grazielle.santos@faculdadedeilheus.com.br

ao priorizar a singularidade da experiência vivida, a ampliação da *awareness* e a construção de relações terapêuticas fundamentadas no reconhecimento da alteridade. A experiência transgênera é marcada pela divergência entre a percepção interna de gênero e o sexo designado ao nascimento (Bento, 2017), processo que ocorre sob intensa pressão pela normatividade binária. Nesse período crítico de consolidação da autoimagem (Erikson, 1968), o jovem frequentemente depara-se com introjetos sociais que fragmentam seu sentido de identidade, dificultando a expressão autêntica de si. Diante da insuficiência da linguagem verbal para traduzir a complexidade dessas vivências, a clínica psicológica demanda recursos que alcancem as camadas pré-reflexivas do sujeito.

A relevância desta investigação sustenta-se na urgência de práticas que respondam à severa vulnerabilidade psicossocial desta população no Brasil. Dados do Dossiê ANTRA (2024) e pesquisas da Fiocruz (2023) revelam um cenário preocupante: o país lidera o ranking mundial de assassinatos de pessoas trans, com cerca de 80% dessa população apontando uma elevada prevalência de ideação suicida e sofrimento ético-político (ANTRA, 2024; Fiocruz, 2023), intensificados por trajetórias de exclusão escolar e invisibilidade nos serviços de saúde. Tais indicadores evidenciam que a dor psíquica desses adolescentes não é um fenômeno isolado, mas o resultado direto da patologização e do estigma estrutural.

Nesse contexto, a Psicologia enfrenta o desafio de superar abordagens meramente verbais que podem reproduzir o silenciamento imposto pela sociedade. Validar o recurso pictórico como via de acesso ao *awareness* permite que o terapeuta atue em conformidade com a Resolução CFP nº 01/2018, promovendo uma prática não patologizante voltada à autodeterminação. Assim, este estudo justifica-se pela necessidade de oferecer subsídios metodológicos que transformem o consultório em um espaço de resistência e reconstrução do self.

A Gestalt-terapia, fundamentada no contato e no *awareness* (Perls; Hefferline; Goodman, 1951), oferece o suporte necessário para o acolhimento dessa pluralidade. Nesta pesquisa, a pintura é proposta como um experimento fenomênico: o ato de manejar cores e formas funciona como uma metáfora da ocupação do sujeito no mundo. Ao articular a expressão pictórica ao "Experimento de Fantasia Semi-Dirigido" (Zinker, 1977), busca-se facilitar o contato com conteúdos subjetivos silenciados, promovendo o ajuste criativo e a integração identitária.

Diante disso, este estudo questiona: como a pintura, integrada à Gestalt-terapia, pode auxiliar adolescentes transgêneros na construção de uma autorrepresentação de gênero autêntica e na manutenção de sua congruência identitária? O objetivo é investigar o potencial desses recursos expressivos como ferramentas de suporte ao *awareness* e à integração de vivências que fragmentam o eu, visando uma prática clínica inclusiva e sensível às especificidades desse público.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta investigação caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e caráter bibliográfico. O objetivo é subsidiar práticas clínicas voltadas à construção da identidade de adolescentes transgêneros, utilizando os fundamentos da Gestalt-terapia e as possibilidades terapêuticas da pintura.

2.1 Levantamento Bibliográfico e Documental

A investigação fundamenta-se em um levantamento bibliográfico sistematizado, estruturado a partir de categorias teóricas que permitem compreender a pintura como mediadora da identidade. Inicialmente, realizou-se a triagem de materiais que abordam, direta ou indiretamente, o uso de recursos expressivos na clínica psicológica, com foco em metáforas de autorrepresentação, contato e integração do *self*. A análise parte de concepções fundamentais da Gestalt-terapia, priorizando o ciclo de contato e as funções do *self* (ego, id e personalidade). Para sustentar a discussão, o quadro teórico integra produções clássicas e contemporâneas da abordagem gestáltica (Perls; Hefferline; Goodman, 1951; Zinker, 2001; Oaklander, 1980), articulando-as a conceitos da Psicologia da Arte e da Fenomenologia (Vygotsky, 1999; Arnheim, 1980) e aos estudos de gênero e diversidade (Bento, 2017; Butler, 2003).

As etapas do levantamento envolveram a definição criteriosa de descritores e a combinação de termos como "Identidade de Gênero", "Transgeneridade", "Gestalt-terapia" e "Recursos Expressivos", aplicados em buscas nas bases de dados acadêmicas SciELO e PePSIC. Após a triagem por relevância e pertinência temática, procedeu-se à leitura integral dos textos selecionados, culminando na

organização do material segundo os eixos de construção identitária, processos de *awareness* e eficácia clínica da pintura.

Foram considerados, prioritariamente, estudos publicados nos últimos dez anos para garantir a atualidade do debate sobre transgeneridade, abrindo-se exceção para as obras fundamentais da Gestalt-terapia e da Psicologia da Arte que constituem uma base indispensável para a sustentação epistemológica da pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa interdisciplinar, tornou-se imprescindível a utilização de produções científicas que transitem entre a Psicologia e as Ciências Sociais, permitindo uma compreensão ampliada de como o estigma e a exclusão social influenciam o ajustamento criativo de adolescentes transgêneros.

Esse mapeamento utilizou os termos-chave descritos abaixo, aplicados às bases de dados acadêmicas SciELO e PePSIC, permitindo mensurar a incidência do tema e sustentar a contribuição inédita do estudo. Confere-se:

Tabela 1 - Estado da arte total

Termos	SciELO	PePsic
Identidade de gênero OR Transgênero	6	4
Adolescência	8	6
Gestalt- Terapia	12	9
Pintura	7	5
Expressão simbólica OR Recurso expressivo	4	2
Interseccionalidade	3	1
Exclusão social	6	4
LGBT	9	7
Gestalt-terapia AND Pintura	2	1
Gestalt-terapia AND Expressão simbólica	3	2
Identidade de gênero AND Adolescência	4	3
Identidade de gênero AND Gestalt-terapia	2	1
Transgênero AND Adolescência	1	0
Transgênero AND Expressão simbólica	1	0
LGBT AND Exclusão social	3	2

Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Com base nesse levantamento, evidencia-se que, apesar da relevância social do tema e da robustez da abordagem gestáltica, não foram encontrados estudos que articulem a pintura como recurso mediador na construção da identidade de

gênero de adolescentes transgêneros sob a ótica da Gestalt-terapia. Esta lacuna reforça a originalidade e a relevância do presente trabalho, que se propõe a preencher um espaço ainda pouco explorado pela produção científica nacional, unindo a prática clínica expressiva às demandas urgentes da diversidade de gênero.

2.2 Instrumentos de Coleta e Constituição de Corpus

A coleta de dados desta investigação é operacionalizada através da extração de informações de três instrumentos fundamentais, selecionados para permitir a triangulação entre a normativa ética, a técnica clínica e a experiência vivida. No que tange à Dimensão Normativa, procedeu-se ao levantamento de diretrizes na Nota Técnica do Conselho Federal de Psicologia (CFP) sobre o processo transsexualizador e o atendimento a pessoas trans. O foco desta etapa consiste em identificar o enquadramento ético proposto para que a análise esteja ancorada nos parâmetros regulamentadores da profissão.

Complementarmente, a Dimensão Clínica é constituída pela extração de dados dos estudos clínicos na obra de Zinker (2001), que aborda o manejo de processos criativos e bloqueios no ciclo de contato. A escolha deste caso justifica-se pela compatibilidade entre a metodologia do autor e a proposta de intervenção com pintura, permitindo analisar as fases de awareness e o ajuste criativo sob a ótica fenomenológica

Por fim, a Dimensão Subjetiva contempla a análise teórica das possibilidades de autorrepresentação produzidas por recursos pictóricos no contexto da clínica gestáltica. Nessa dimensão, a produção imagética é compreendida como expressão fenomenológica da experiência vivida, permitindo discutir como elementos como cor, forma, ocupação do espaço e composição podem favorecer processos de awareness, ajustamento criativo e integração do self em adolescentes transgêneros.

2.3 Procedimento de Análise de Dados

Para a análise do material coletado nas dimensões supracitadas, utiliza-se a Análise Fenomenológica de Conteúdo. Esta metodologia permite investigar como a realidade é construída simbolicamente através do gesto artístico e do relato da

vivência, focando na "essência" do fenômeno conforme ele se apresenta à consciência (Amatuzzi, 2001).

O procedimento analítico seguiu três etapas: a leitura exploratória do *corpus*; a codificação dos sentidos percebidos com base nas categorias de ajustamento criativo e funções do *self*, e, por fim, a síntese interpretativa. Nesta última fase, os resultados empíricos foram ancorados ao referencial teórico da Gestalt-terapia, visando uma compreensão profunda da experiência imagética como recurso de fortalecimento identitário para adolescentes transgêneros.

3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO E SUAS IMPLICAÇÕES NA ADOLESCÊNCIA

A construção do gênero é um fenômeno complexo que articula dimensões históricas, sociais e psicológicas, materializando-se na organização de normas, papéis e relações de poder que ditam a legibilidade dos corpos na cultura. Conforme postula Butler (2003), o gênero não deve ser reduzido a um determinismo biológico, mas compreendido como o resultado de práticas sociais e culturais reiteradas que moldam a percepção de si e do outro. Para a autora, o gênero não é algo que se é, mas algo que se faz; ele é constituído por atos socialmente regulados que definem e mantêm as normas de masculinidade e feminilidade.

A utilização das contribuições de Judith Butler neste estudo não pretende promover uma aproximação epistemológica integral entre a teoria da performatividade de gênero e a Gestalt-terapia. Trata-se, antes, de um diálogo interdisciplinar que amplia a compreensão dos processos de constituição subjetiva e reconhecimento social das identidades transgêneras. Assim, os referenciais são mobilizados de forma complementar, respeitando suas especificidades teóricas.

Esse entendimento performativo é fundamental para legitimar as identidades que desafiam o binarismo tradicional, como a identidade transgênera, garantindo o reconhecimento de sua plasticidade e fluidez diante de categorias historicamente fixas e naturalizadas. A adolescência, por sua vez, representa um período crítico de desenvolvimento psicossocial. Para fins desta investigação, delimita-se esse estágio conforme os critérios da Organização Mundial da Saúde (OMS), compreendendo a faixa etária dos 10 aos 19 anos. Esta delimitação é metodologicamente necessária, pois é nesse intervalo que a Função Personalidade passa por suas maiores

reconfigurações e o jovem demanda maior suporte ambiental para equilibrar as expectativas externas e a percepção autêntica.

Esta fase representa um período crítico de desenvolvimento psicossocial, marcado por intensas transformações que demandam o equilíbrio entre as expectativas externas e a percepção interna. Segundo Erikson (1968), a consolidação da autoimagem é a tarefa central dessa etapa, mas para o jovem trans, essa busca é atravessada por uma marginalização institucional profunda.

Louro (2004) destaca que a "vigilância de gênero" ocorre de forma contundente em espaços de socialização primária, como a escola, onde o binarismo é reforçado pela linguagem, pela divisão dos espaços e pelas práticas pedagógicas. Esse cenário produz o que a literatura denomina "currículo oculto", que pune a dissidência e invisibiliza a existência trans, gerando exclusão e evasão escolar precoce. A vulnerabilidade psicológica resultante desse processo é corroborada por dados epidemiológicos densos que traduzem a urgência de uma clínica sensível às especificidades dessa população.

O Brasil mantém-se como o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo, com uma expectativa de vida de apenas 35 anos, menos da metade da média nacional (ANTRA, 2024). No recorte da adolescência, os dados da Fiocruz (2023) revelam que o sofrimento ético-político se manifesta em taxas alarmantes: cerca de 80% dos jovens trans apresentam ideação suicida e 40% já tentaram o autoextermínio. Além disso, o Dossiê ANTRA aponta que cerca de 70% dessa população não concluiu o ensino médio devido ao bullying, o que empurra esses sujeitos para a informalidade socioeconômica desde cedo (ANTRA, 2024; Fiocruz, 2023).

Historicamente, a racionalização científica moderna medicalizou os corpos, tratando a transgeneridade como transtorno mental, visão superada formalmente apenas pela CID-11 e pela Resolução CFP nº 01/2018. Hoje, o cenário é de hipervigilância nas redes sociais e estresse de minoria. Estudos demográficos indicam que essa população abrange cerca de 0,5% da população mundial (OMS, 2024), chegando a 2% entre jovens e adolescentes (Williams Institute, 2022). No Brasil, estimativas da UNESP/USP (2021) apontam que aproximadamente 2% da população adulta integra o espectro trans ou não-binário.

Ao diminuir a hipervigilância sobre si mesmo, a energia antes gasta no auto ocultamento pode ser redirecionada para a exploração de sua própria autenticidade.

Ao oferecer suporte ao *awareness* e legitimar narrativas historicamente silenciadas, a terapia contribui para que o jovem trans possa habitar seu corpo e seu gênero com maior senso de agência. Esse processo permite integrar suas vivências fragmentadas em um *self* mais autônomo e resiliente, conforme sustentam as perspectivas contemporâneas da Gestalt e dos estudos de gênero (Bento, 2017; Louro, 2004).

Nesse sentido, a clínica psicológica deve atuar como um espaço de resistência e reconstrução da subjetividade. Intervenções que reconheçam a pluralidade das vivências de gênero permitem que o adolescente fortaleça sua autoestima e desenvolva estratégias de enfrentamento diante das pressões sociais. Muitas vezes, esse fortalecimento começa em gestos fundamentais de reconhecimento, como o respeito ao uso do nome social na escola ou em casa.

Para Bento (2014), o reconhecimento da identidade é uma forma de retirar o sujeito da invisibilidade e do estigma impostos por normas sociais rígidas. De acordo com Butler (2019), essa validação atua como um suporte necessário para que o adolescente possa existir fora das normas que frequentemente negam sua humanidade. Mais do que uma formalidade, essa validação atua como um suporte ambiental necessário para que o adolescente possa, enfim, relaxar suas defesas.

Ao diminuir a hipervigilância sobre si mesmo, a energia antes gasta no auto ocultamento pode ser redirecionada para a exploração de sua própria autenticidade. Ao oferecer suporte ao *awareness* e legitimar narrativas historicamente silenciadas, a terapia contribui para que o jovem trans possa habitar seu corpo e seu gênero com maior senso de agência. Esse processo permite integrar suas vivências fragmentadas em um *self* mais autônomo e resiliente, conforme sustentam as perspectivas contemporâneas da Gestalt e dos estudos de gênero (Bento, 2017; Louro, 2004).

A compreensão das experiências transgêneras exige ainda uma perspectiva interseccional. Conforme Crenshaw (2002), diferentes sistemas de opressão, como racismo, sexismo e desigualdades de classe, não atuam de forma isolada, mas articulada, produzindo experiências específicas de vulnerabilidade. Assim, adolescentes trans não constituem um grupo homogêneo, uma vez que suas trajetórias são atravessadas por distintos marcadores sociais que influenciam suas possibilidades de reconhecimento, acesso a direitos e construção identitária.

Considerar essas intersecções permite ampliar a compreensão das experiências subjetivas e fortalecer práticas clínicas sensíveis à diversidade.

4 GESTALT-TERAPIA E A INTEGRAÇÃO DO SELF

A Gestalt-terapia fundamenta sua compreensão do ser humano na perspectiva da totalidade, concebendo o indivíduo como um organismo indissociável de seu campo relacional. Sob essa ótica, a experiência subjetiva não ocorre de forma isolada, mas emerge continuamente na interação entre o sujeito e o meio, sendo organizada pela dinâmica entre figura e fundo. A "figura" representa a necessidade urgente que se destaca na consciência no centro da gravidade da experiência atual, enquanto o "fundo" constitui seus recursos, reservatório de potencialidades que produzem possibilidades de ações que dependem da disponibilidade do organismo (Perls; Hefferline; Goodman, 1951).

Quando a relação entre figura e fundo é flexível, o indivíduo consegue identificar suas demandas e agir para transformá-las em ações concretas. No entanto, em contextos de estigma social, esse processo pode tornar-se rígido, dificultando a percepção das reais necessidades do sujeito e impedindo a fluidez necessária para o crescimento. Sobre essa dinâmica, Zinker (2007) argumenta que o estado de saúde está vinculado à capacidade do organismo de manter contato com o que é óbvio no campo, permitindo a formação de figuras nítidas e a mobilização de energia para a ação.

Quando esse fluxo de contato é interrompido de forma recorrente, podem emergir os chamados bloqueios neuróticos. Na Gestalt-terapia, esses mecanismos correspondem a formas cristalizadas de interrupção do contato que, embora tenham surgido como estratégias de adaptação, acabam restringindo a espontaneidade e a capacidade de ajustamento criativo do sujeito. Em contextos marcados pela exclusão social e pela violência simbólica, tais interrupções podem assumir papel central na organização da experiência.

Para o adolescente transgênero, a dissonância entre sua percepção interna e a forma como é lido pela sociedade configura o que a Gestalt denomina como uma "Gestalt aberta" ou tarefa inacabada (Perls, 1981). Essa lacuna entre o sentir e o ser reconhecido consome uma quantidade massiva de energia psíquica, que é desviada para a manutenção de defesas contra um ambiente hostil. Essa organização da

experiência é operacionalizada pelo *self*, que funciona como um sistema de contatos na fronteira entre o organismo e o ambiente.

Na vivência transgênera, o *self* opera como uma fronteira de resistência. Enquanto a "função id" manifesta as urgências corporais e o desejo autêntico de transição, a "função ego" encontra-se paralisada por introjetos sociais, valores e preconceitos externos engolidos sem crítica (Robine, 2006). A integração do *self* culmina na atualização da "função personalidade": o processo pelo qual o sujeito assume sua história e identidade perante o campo, transformando a autopercepção em uma narrativa congruente (Polster; Polster, 2001).

O suporte indispensável para que essa integração ocorra é o *awareness*, a ferramenta que restabelece o fluxo entre figura e fundo e permite ao sujeito fragmentar a rigidez de figuras impostas pelo ambiente. É fundamental pontuar que a clínica gestáltica não busca identificar o "disfuncional", mas investigar como o sujeito está conseguindo se relacionar com o mundo. Como define Yontef (1998, p. 197).

o *awareness* é uma forma de conhecer, no presente, o que se está sentindo, percebendo e fazendo, sem a interrupção de preconceitos ou julgamentos externos.

No caso do adolescente trans, o sofrimento não emana de sua identidade, mas da rigidez de um campo social que não oferece suporte para que sua figura identitária emerga com clareza. Nesse cenário, as demandas psicológicas surgem da necessidade de fechar essa Gestalt aberta e encontrar novas formas de contato. Quando o processo de percepção é pleno, o organismo exerce seu ajuste criativo, transformando a si mesmo e ao meio em uma busca por equilíbrio homeostático e autêntico (Zinker, 1977).

Para viabilizar esse movimento em campos restritivos, a clínica utiliza recursos expressivos como a pintura. A arte atua como o suporte que flexibiliza o campo social e sensorial do adolescente, oferecendo uma linguagem onde a identidade trans pode deixar de ser uma tensão inacabada para se tornar uma figura nítida e integrada (Oaklander, 1980). Esse processo expressivo permite que o jovem retome a autoria de sua imagem, consolidando o *awareness* necessário para sua sustentação existencial e fortalecimento do *self*.

5 A PINTURA COMO RECURSO EXPRESSIVO E SUPORTE AO AWARENESS

A utilização de recursos expressivos na clínica gestáltica configura-se como um experimento fenomenológico que visa a ampliação da *awareness*. Sob a perspectiva de Perls (1947), o funcionamento psíquico guarda uma analogia direta com o metabolismo biológico, no qual o crescimento do organismo depende da capacidade de morder, mastigar e assimilar os nutrientes do meio. Sobre a importância dessa função para a saúde mental e a formação do pensamento, o autor afirma que:

O organismo que não é capaz de morder e mastigar o alimento, mas que é forçado a engoli-lo inteiro, não pode digerir-lo e assimilá-lo. O mesmo ocorre no campo mental; se engolimos conceitos e atitudes inteiras sem "mastigá-las", elas permanecem como corpos estranhos os introjetos que impedem o desenvolvimento de um Self autêntico (Perls, 1947, p. 112).

A pintura atua como o suporte material que viabiliza a digestão mental da realidade. Ao manipular o pincel, o adolescente exerce a função de desestruturar o fundo para a construção de uma figura nítida, utilizando a expressão imagética expressiva como mediadora do metabolismo psíquico. Nesse processo, o instrumento artístico permite que o jovem "mastigue" suas vivências de gênero e as transforme em nutriente para sua identidade, em vez de apenas aceitar passivamente os introjetos e as definições normativas impostas pelo campo social (Zinker, 2007).

Essa dinâmica expressiva constitui um espaço fenomenológico voltado a matar a "fome" de um inconsciente que anseia por organização e visibilidade. Ao conferir contorno ao que se apresentava de forma difusa, o ato de pintar promove o deslocamento de conteúdos da Função Id para a Função Personalidade, permitindo que o sujeito integre suas figuras internas ao seu autoconceito. Dessa forma, a produção imagética funciona como o suporte técnico onde o adolescente organiza o caos experiencial e resgata a autoria sobre sua narrativa, consolidando o suporte necessário para o desenvolvimento de um Self autêntico (Perls, 1947).

A escolha da pintura como suporte técnico é fundamentada na isomorfia entre a fluidez do material e a fluidez do gênero. Enquanto recursos gráficos rígidos, como o grafite, impõem limites binários de "certo ou errado", a natureza líquida da

tinta permite a sobreposição, a mistura e o erro, espelhando a plasticidade necessária para o ajuste criativo na transgeneridade. Segundo Oaklander (1980), materiais fluidos são essenciais para acessar camadas emocionais profundas, pois exigem que o sujeito renuncie ao controle intelectual para interagir com o inesperado.

Nesse sentido, o ato de pintar convoca a totalidade do organismo: o ritmo das pinceladas, a pressão exercida pelas mãos e o envolvimento muscular na manipulação das tintas devolvem ao adolescente o senso de agência sobre seu próprio corpo. Para o jovem trans, o manuseio da tinta não é apenas visual, mas cinestésico; é uma retomada da fronteira-contato através de um fazer corpóreo que legitima sua presença no campo (Oaklander, 1980; Arnheim, 1980).

Nise da Silveira (1981) reforça essa prática como ferramenta de soberania subjetiva. Através da experiência com o Museu de Imagens do Inconsciente, fundado em 1952 e detentor de um acervo de mais de 350 mil obras, Silveira demonstrou que o ato de dar forma ao material plástico exerce uma força integrativa capaz de organizar o núcleo da personalidade. Para a autora, a imagem atua como um "ponto de cristalização" em meio ao caos; no caso do adolescente trans, o pigmento na tela se torna um instrumento de autodefinição que impede a desintegração psíquica diante das violências do meio (Silveira, 1992).

Dessa forma, o processo criativo inaugura uma nova forma de projeção que transcende o espelho social deformador. Pintar deixa de ser uma representação do "eu" para se tornar a invenção do "eu", onde cada pincelada é um ajuste criativo que converte a angústia em matéria visível e tátil. Em meio ao caos de viver em um campo que muitas vezes nega a existência dessas subjetividades, o ato criativo surge como uma resposta técnica: o sujeito utiliza a desordem como matéria-prima para edificar uma nova organização existencial, transformando o "borrão" da vida em uma imagem nítida de presença (Polster; Polster, 2001).

Ao final, a clínica mediada pela pintura torna-se o palco de uma autonomia possível. Ao projetar o universo interno, o adolescente subverte a condição de objeto do olhar alheio e assume a autoria de sua própria narrativa. A imagem é, como assevera Silveira (1992), a evidência irrefutável da vida; ao materializar o que era invisível, o jovem encontra a base necessária para organizar sua história e habitar seu corpo com soberania, consolidando uma resiliência que nasce da capacidade de dar contorno ao que antes era apenas dor.

6 O EXPERIMENTO DE FANTASIA COMO MEDIADOR DO CONTATO

A operacionalização do Experimento de Fantasia Semi-Dirigido (Zinker, 1977) na clínica com adolescentes transgêneros configura-se como uma técnica de "provocação fenomenológica". Ao propor temas evocadores, o terapeuta não busca uma representação realista, mas sim a externalização de figuras que habitam o "Id do Self", sensações e desejos ainda não processados pela função ego. O convite para "pintar o espaço entre o sentir e o ser visto" atua como um suporte ambiental que permite ao adolescente projetar polaridades internas na tela. Esse processo transforma o consultório em um espaço transicional onde a resistência do material auxilia na delimitação de contornos identitários, facilitando a passagem do conteúdo pré-reflexivo para a consciência imediata do *awareness* (Zinker, 1977; Polster; Polster, 2001).

Segundo o roteiro proposto por Zinker (1977), a operacionalização dessa técnica deve ser estruturada em etapas que garantem a segurança e a eficácia do experimento. Inicia-se pela sensibilização, onde o adolescente é convidado a identificar sensações corporais difusas, seguida pela indução da fantasia, que converte essas sensações em imagens simbólicas. O fazer artístico propriamente dito atua como a fase de ação e contato, na qual a interação com os materiais permite a externalização de conteúdos da função Id. O processo encerra-se com a exploração fenomenológica, onde o terapeuta auxilia o jovem a reconhecer na obra os contornos de sua própria identidade. Para fins de sistematização, o fluxo da intervenção pode ser compreendido conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 - Fluxo do Experimento de Fantasia

FASE DO EXPERIMENTO	OBJETIVO PRÁTICO	CONDUÇÃO CLÍNICA (AÇÃO DO TERAPEUTA)	RESPOSTA ESPERADA DO CLIENTE (<i>AWARENESS</i>)
1. ENQUADRAMENTO E SENSIBILIZAÇÃO	Preparar o ambiente e focar na experiência presente (aqui-e-agora).	Instruir o paciente a perceber o corpo, a respiração e o contato com os materiais (tintas, pincéis, tela).	Redução da ansiedade inicial, foco na propriocepção e identificação de tensões corporais

2. INDUÇÃO E PROJEÇÃO	Evocar figuras (temas/sentimentos) que estão no fundo da consciência.	Propor um tema evocativo (ex: "Dê uma cor e uma forma para a sua angústia hoje").	Emergência de imagens simbólicas e metáforas visuais para vivências difíceis de verbalizar.
3. AÇÃO E CONTATO (O FAZER)	Romper bloqueios emocionais (retroflexão) e externalizar a energia psíquica.	Incentivar o ato motor de pintar: explorar a pressão, a mistura de tons e a ocupação do espaço da tela.	Materialização dos conteúdos internos em algo externo ao corpo. Transformação da sensação em forma.
4. EXPLORAÇÃO FENOMENOLÓGICA	Integrar o material projetado à identidade do cliente (Função Personalidade).	Dialogar sobre a obra a partir da sua estrutura (cores, formas, espaços), usando perguntas abertas (ex: "O que essa forma te diz?").	Apropriação do significado da obra pelo cliente: "Isto sou eu/Isto é meu". Reconhecimento de partes de si na criação.
5. ASSIMILAÇÃO E ENCERRAMENTO	Validar a experiência, promover o fechamento da Gestalt e o auto-suporte.	Validar a expressão do cliente e encerrar o experimento, permitindo um momento de observação da obra finalizada.	Sentimento de congruência interna, alívio de tensão e aumento da auto-capacidade e autonomia.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026), baseado em Zinker (1977) e Polster e Polster (2001).

A condução deste experimento exige manejo psicoterápico e uma postura dialógica do terapeuta, elemento essencial para o rompimento do mecanismo de retroflexão intensificado pela hostilidade do campo. Conforme dados da ANTRA (2024), o "estresse de minoria" e a exclusão sistemática forçam o adolescente trans a internalizar agressividades e tensões que o ambiente não permite expressar; ao utilizar a pintura, o jovem consegue externalizar esse sofrimento, transformando a energia paralisante em profusão criativa. Na prática, quando o adolescente é provocado a materializar, por exemplo, "o peso do olhar normativo", a dor ganha um contorno físico na tela, fora do corpo. Esse movimento permite que ele deixe de ocupar o lugar de alvo passivo da violência social para se tornar o autor da imagem que a representa, resgatando o protagonismo sobre sua própria experiência.

Nesse processo, o terapeuta sustenta a postura de não-saber, devolvendo ao sujeito as configurações da imagem, cores, formas e pressões como evidências de seu próprio processo, transformando o material projetado em um diálogo imediato no "aqui-e-agora" (Hycner, 1995; Yontef, 1998). A eficácia desta intervenção ultrapassa a externalização e completa-se no movimento de assimilação, onde o

retorno do conteúdo à fronteira de contato permite ao jovem apropriar-se de sensações antes dispersas. Ao reconhecer a obra como parte integrante de sua experiência orgânica, o adolescente transita da posição passiva de "objeto do olhar alheio" para a posição ativa de sujeito que se define e se materializa.

A integração da pintura ao processo terapêutico possibilita, primordialmente, a atualização da função personalidade, instância do Self responsável pela representação social e pela narrativa histórica que o sujeito faz de si mesmo (Polster; Polster, 2001). Ao visualizar sua identidade materializada na tela e validada no campo clínico, o adolescente opera um ajuste criativo potente, integrando vivências antes fragmentadas em uma narrativa identitária congruente (Zinker, 1977). É nesse estágio de pós-contato que a experiência estética se torna nutriente para o Self, permitindo que o jovem assimile novas definições sobre sua existência e transforme sensações difusas em uma autoimagem resiliente (Zinker, 2007).

Por fim, esse movimento clínico atua no fechamento de gestalts abertas pela exclusão social, transmutando o "sofrimento ético-político" em uma produção estética dotada de sentido (Sawaia, 2001). Ao ocupar o lugar de criador, o adolescente consolida a autonomia e a soberania subjetiva necessárias para o enfrentamento das pressões ambientais. Dessa forma, a pintura na Gestalt-terapia deixa de ser apenas um recurso expressivo para se tornar um ato de resistência política frente à normatividade, fortalecendo o sujeito em sua caminhada de afirmação no mundo (Bento, 2017; Robine, 2006).

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise teórica dos dados revela que a utilização da pintura na clínica gestáltica com adolescentes transgêneros não se limita a um recurso lúdico, mas configura-se como um suporte antropológico e clínico essencial para a integração do self. A triangulação entre a dimensão normativa, a prática clínica e a expressão subjetiva demonstra que o processo de tornar-se quem se é, em um contexto de vulnerabilidade, exige que a Psicologia ofereça ferramentas que alcancem o que a linguagem verbal, muitas vezes binária e estigmatizante, não consegue traduzir.

Sob a perspectiva gestáltica, o principal efeito terapêutico da pintura reside na ampliação do awareness. Mais do que representar sentimentos já conhecidos, o

fazer pictórico possibilita que conteúdos anteriormente difusos ou não verbalizados emergjam à consciência de forma concreta. Ao selecionar cores, formas e composições, o adolescente estabelece contato com aspectos de sua experiência que frequentemente permanecem obscurecidos pela vergonha, pelo medo da rejeição ou pelas exigências normativas do ambiente. A imagem produzida torna-se, assim, uma figura perceptível no campo, favorecendo o reconhecimento de necessidades, desejos e conflitos que podem ser posteriormente elaborados no processo terapêutico.

A pintura também pode ser compreendida como uma expressão do ajustamento criativo. Em contextos marcados pela transfobia e pela exclusão social, muitos adolescentes desenvolvem estratégias de adaptação voltadas à sobrevivência psíquica. Embora tais estratégias sejam inicialmente funcionais, podem restringir a espontaneidade e a livre expressão da identidade. O recurso pictórico oferece uma alternativa para que o sujeito experimente novas formas de contato consigo mesmo e com o mundo, produzindo respostas mais autênticas às demandas do campo. Nesse sentido, a criação artística não representa uma fuga da realidade, mas uma reorganização criativa da experiência vivida.

A função personalidade assume papel central nesse processo. Conforme a Gestalt-terapia, ela corresponde ao conjunto de identificações e narrativas que permitem ao indivíduo reconhecer-se e apresentar-se socialmente. Para adolescentes transgêneros, essa função frequentemente é atravessada por discursos estigmatizantes que dificultam a construção de uma autoimagem coerente. Ao produzir representações visuais de si, o jovem pode revisar introjetos normativos e fortalecer formas mais autênticas de autorreconhecimento. A pintura favorece, portanto, a construção de uma narrativa identitária menos baseada na expectativa social e mais alinhada à experiência efetivamente vivida.

A fronteira-contato constitui outro elemento fundamental para compreender os efeitos terapêuticos da pintura. É nesse espaço relacional que o sujeito encontra o mundo, diferencia-se dele e produz sentidos sobre sua existência. Quando o adolescente trans vivencia experiências reiteradas de invalidação, essa fronteira tende a tornar-se rígida ou defensiva. A atividade pictórica, acompanhada pela presença confirmadora do terapeuta, pode funcionar como um suporte para a retomada do contato, permitindo que emoções, percepções e significados circulem

de maneira mais livre. Assim, a pintura transforma-se em uma experiência concreta de encontro, reconhecimento e ampliação das possibilidades de ser.

Na Dimensão Normativa, estabelece o fundamento ético da despatologização, funcionando como uma garantia de preservação do ajustamento criativo. Conforme observado na prática clínica discutida por Figueira e Vale (2024), o manejo terapêutico com esse público demanda uma postura que neutralize a violência simbólica do binarismo. As autoras destacam que o adolescente frequentemente chega à terapia em estado de retroflexão, uma interrupção de contato onde a dor do preconceito é voltada contra o próprio organismo. Nesse estado, a energia que deveria ser utilizada para o contato com o mundo é encapsulada, resultando em sintomas de ansiedade e fragmentação identitária.

Nesse cenário, o self funciona como um sistema de contatos (Robine, 1992) que busca desesperadamente uma unidade em meio ao caos social. Para ilustrar essa dinâmica, utiliza-se a analogia do espelho quebrado: o adolescente trans recebe da sociedade fragmentos que refletem uma imagem distorcida de si mesmo. Ao tentar "montar-se" através desses reflexos externos, as bordas cortam, reforçando o retraimento.

A introdução da pintura como um experimento imagético subverte a lógica da retroflexão: ao invés de manter a tensão no corpo, o jovem é convidado à profusão, projetando no suporte artístico os conteúdos que o atravessam. Através do gesto motor e do manuseio da tinta, ele recolhe esses estilhaços e, no fazer artístico, confere-lhes uma nova unidade estética e funcional, um mosaico que ressignifica a dor em uma figura potente e integrada.

Esta transmutação pode promover um resgate imediato da vitalidade e da coragem existencial. Ao dominar a tela, o adolescente desenvolve um senso de autorrepresentação. A pintura torna-se, portanto, uma abertura criativa: um local de viver de volta o simbólico necessário em um mundo marcado pela excessiva racionalização e patologização.

Nesse processo, a colorimetria aplicada à clínica funciona como um termômetro do *awareness*. A escolha cromática não é decorativa; conforme aponta Arnheim (1980), as cores possuem dinâmicas estruturais que afetam a percepção do self. Como por exemplo, tons saturados e quentes (como vermelhos e laranjas) sinalizam a mobilização de energia e a busca por visibilidade, enquanto variações

acinzentadas ou a diluição excessiva da tinta servem como evidências fenomenológicas do retraimento no aqui-e-agora (Zinker, 2007).

O manejo das cores permite ao adolescente materializar polaridades como a tensão entre o "escondido" e o "revelado" através do uso de cores complementares e contrastes cromáticos (Oaklander, 1980). Esse exercício estético gera um equilíbrio entre o sentir e o agir, onde o acreditar em si mesmo emerge como uma evidência materializada. Ao visualizar o Id do Self ganhando forma e cor, a identidade trans deixa de ser um fundo ameaçador para tornar-se uma figura clara, cultivando a validação interna e o auto-amor.

A eficácia dessa intervenção reside na presença confirmadora do terapeuta na fronteira-contato. Conforme Hycner (1995), o terapeuta testemunha o processo criativo sem interpretá-lo precocemente, oferecendo o suporte necessário para que o adolescente se sinta seguro ao explorar novas cores de si mesmo. Todavia, é imperativo considerar que esse ajuste criativo é atravessado pela interseccionalidade. A disponibilidade de suporte ambiental para o *awareness* difere drasticamente em função de marcadores de raça e classe social, exigindo uma clínica sensível que reconheça como a exclusão social molda as possibilidades de autorrepresentação (Sawaia, 2001; Bento, 2017).

Dessa forma, a integração dos resultados aponta que a pintura facilita o *awareness* ao transformar o sentimento desorganizado em objeto artístico. Como sustenta Vygotsky (1999), ocorre uma "catarse transformadora", onde o jovem não apenas visualiza sua transição, mas a elabora simbolicamente. A clínica gestáltica mediada pela arte oferece um espaço de resistência onde o adolescente transgênero deixa de ser um objeto da norma social para tornar-se o autor de sua própria imagem e história, consolidando um self mais resiliente e autônomo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa sustentam a hipótese teórica inicialmente formuladas, evidenciando que a pintura, enquanto recurso terapêutico na Gestalt-terapia, atua como um potente mediador na integração do Self de adolescentes transgêneros. A investigação demonstrou que a expressão pictórica manifesta simbolicamente a dinâmica do contato em seus dois pólos: o ajustamento criativo e o bloqueio neurótico. Essa duplicidade expressa-se na ambivalência entre

a dor da fragmentação identitária e a potência da autodescoberta, revelando que o fazer artístico encarna as tensões fenomenológicas que atravessam o adolescente em seu processo de tornar-se si mesmo.

A análise revelou que o suporte à *awareness* é potencializado quando a clínica oferece ao jovem a oportunidade de resgatar sua vitalidade através da arte. Enquanto a esfera social muitas vezes projeta sobre o sujeito o estigma, funcionando como um introjeto que anula a auto capacidade, a pintura permite que o adolescente subverta essa lógica. Através do manuseio de materiais, o jovem transita do silenciamento para a autorrepresentação, encontrando na abertura criativa o equilíbrio necessário entre a pressão externa e a verdade interna. Esse processo de viver de volta o simbólico devolve ao sujeito a coragem necessária para habitar seu próprio corpo, transformando a transição em um ato de autoamor e validação pessoal.

Constata-se, portanto, uma vez que o experimento artístico favorece tanto a externalização de conflitos quanto a síntese integradora do self. Nesse sentido a transição de gênero, vista pelo prisma da Gestalt-terapia, revela-se como uma busca contínua por fechamento de Gestalt, onde a arte provê o suporte estético para que o adolescente aprenda a acreditar em si mesmo e em sua capacidade de autorregulação orgânica.

O estudo reafirma a fecundidade do diálogo entre a Gestalt-terapia, a Psicologia da Arte e os Estudos de Gênero. Ao articular conceitos como ciclo de contato e ajustamento criativo às leituras contemporâneas sobre transgeneridade, foi possível apreender a pintura não apenas como técnica, mas como expressão existencial. Por fim, ressalta-se que este trabalho, ao realizar uma análise qualitativa e interpretativa, concentrou-se no campo bibliográfico e documental. Sugere-se que futuras pesquisas explorem metodologias de intervenção direta com grupos de adolescentes transgêneros, de modo a captar como essas ferramentas expressivas são vivenciadas na prática do setting terapêutico e suas ressonâncias na saúde mental desta população.

9 REFERÊNCIAS

ANTRA. **Dossiê: Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2023**. Brasília: ANTRA, 2024.

ARNHEIM, R. **Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira, 1980.

BENTO, B. **A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual**. Natal: EDUFRRN, 2017.

BUTLER, J. **A vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: CFP, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Nota Técnica nº 02/2023/DESP/GEACE/GOCONT/CFP**. Brasília, 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 01/2018**. Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis. Brasília, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

ERIKSON, E. H. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

FIGUEIRA, A. C.; VALE, A. C. **Gestalt-terapia e Transgeneridade: o manejo clínico na clínica escola**. São Paulo: Revista de Gestalt, 2024.

FIOCRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na população trans e travesti**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2023.

HYCNER, R. **De pessoa para pessoa: Psicologia dialógica**. São Paulo: Summus, 1995.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OAKLANDER, V. **Descobrendo crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus, 1980.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **World health statistics 2024: monitoring health for the SDGs**. Geneva: World Health Organization, 2024.

PERLS, F. S. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1951/1997.

POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. Belo Horizonte: Interlivros, 2001.

ROBINE, J.-M. **A Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2006.

ROBINE, J-M. **O self como sistema de contatos**. In: ROBINE, J-M. O ciclo do contato. São Paulo: Summus, 1992.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVEIRA, N. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

UNESP/USP. **Mapeamento das populações trans e não-binárias no Brasil**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista/Universidade de São Paulo, 2021.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WILLIAMS INSTITUTE. **Transgender Population Estimates**. Los Angeles: UCLA School of Law, 2022.

YONTEF, G. M. **Processo, Diálogo e Awareness**. São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, J. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.